

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana	
Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros	
Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira	
Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler	
Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola	
Evandro César Clemente	
Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa	
Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS DE YVES LACOSTE

José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior

Instituto Federal do Maranhão – Campus
Avançado Porto Franco

Porto Franco – Maranhão

RESUMO: Busca-se investigar o conceito de subdesenvolvimento na obra do geógrafo Yves Lacoste, destacando sua origem histórica e principais fontes de teóricas de inspiração. Considerando que o autor em tela dedicou, pelo menos, cinco livros que tratam diretamente da questão do (sub)desenvolvimento procura-se analisar o primeiro escrito de Lacoste que trata da questão: *Os países subdesenvolvidos*, publicado em 1959. Nossa hipótese é que o conceito de subdesenvolvimento de Yves Lacoste é produto de diversas influências teóricas (Thomas Malthus, Ragnar Nurkse) e experiências históricas (Rússia, Japão, China). Isso explica porque em sua análise (1) entende o subdesenvolvimento como um fenômeno recente que se caracteriza por conjuntos de desequilíbrios fundamentais, sendo que o mais sintomático é o desajuste entre crescimento econômico e demográfico; (2) concebe a estratégia da industrialização como caminho do desenvolvimento; e (3) ainda que crítico do colonialismo, termina por conservar o desenvolvimento capitalista como resposta aos problemas dos países subdesenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Países Subdesenvolvidos; Subdesenvolvimento; Yves Lacoste.

ABSTRACT: It seeks to investigate the concept of underdevelopment in the work of the geographer Yves Lacoste, highlighting its historical origin and main sources of theoretical inspiration. Considering that the author on-screen dedicated, at least, five books dealing directly with the (under)development question, we try to analyze Lacoste's first writing that deals with the question: *The underdeveloped countries*, published in 1959. Our hypothesis is that Yves Lacoste's concept of underdevelopment is the product of various theoretical influences (Thomas Malthus, Ragnar Nurkse) and historical experiences (Russia, Japan, China). This explains why in its analysis (1) he understands underdevelopment as a recent phenomenon characterized by sets of fundamental imbalances, and the more symptomatic is the mismatch between economic and demographic growth; (2) conceives the strategy of industrialization as a path of development; and (3) even as a critic of colonialism, it ends up preserving the capitalist development as response to the problems of underdeveloped countries.

KEYWORDS: Underdeveloped countries; Underdevelopment; Yves Lacoste.

1 | INTRODUÇÃO

O geógrafo e geopolítico marroquino Yves Lacoste é um professor aposentado de Geografia da Universidade Paris VIII. Lacoste é principalmente conhecido pelo seu livro *A geografia - isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*, publicado em 1976, em que o autor tece uma crítica ferrenha e contundente à sua ciência e pelo que fizeram dela, abordando questões como a relação Geografia-Estado, a restrição ao saber pensar o espaço que fica nas mãos de poucos, o escamoteamento da realidade social, carências epistemológicas, geopolítica, dentre outros aspectos.

Não obstante, ainda que profundamente conhecido Lacoste seja por sua abordagem da Geopolítica, ou ainda por ser um dos fundadores da revista *Hérodote*, a questão do subdesenvolvimento também foi objeto de reflexão do geógrafo em tela, como demonstram os seguintes livros: (1) *Les Pays sous-développés*, de 1959; (2) *Géographie du sous-développement*, de 1965; (3) *Ibn Khaldoun - Naissance de l'Histoire/Passé du Tiers Monde*, de 1966; (4) *Unité et diversité du tiers monde*, de 1980; e (5) *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*, de 1985.

É justamente *Os países subdesenvolvidos* que tomamos como objeto de reflexão neste momento com o propósito de investigarmos o conceito de subdesenvolvimento subjacente à obra. Essa apreensão conceitual é realizada tendo em mente o fato de que Yves Lacoste – membro do partido Comunista Francês de 1948 a 1956 – foi profundamente influenciado pelos acontecimentos histórico-geográficos da assim chamada África do Norte, especialmente os conflitos na Tunísia (1952), Marrocos (1953-1956) e Argélia (1954-1962). Esses acontecimentos vão dar um traço extremamente anticolonial – ainda que não anticapitalista, como veremos – à sua análise do (sub) desenvolvimento.

O artigo está dividido em partes. Na primeira é apreciado o cariz neomalthusiano de Lacoste; os caracteres constitutivos do subdesenvolvimento são analisados na segunda parte. As considerações finais integram a última parte.

2 | O CARIZ NEOMALTHUSIANO DA ARGUMENTAÇÃO

No campo da Geografia Humana, a temática do desenvolvimento foi considerada e examinada a partir do final dos anos 1950 e ao longo da década de 1960 pelo seu par contraditório, ou seja, o subdesenvolvimento. Nessa linha merece destaque o trabalho do geógrafo marroquino Yves Lacoste: *Os países subdesenvolvidos*.

A princípio, Lacoste (1961 [1959], p.7-8) rejeita que apenas fome e miséria sejam critérios suficientes para se precisar o subdesenvolvimento:

Se a fome e a pobreza afetam grande parte da população dos países subdesenvolvidos, este dois fatos, apenas, apesar de sua gravidade, não são suficientes para caracterizar o subdesenvolvimento. De fato, a consideração desses critérios somente levaria a se encarar o subdesenvolvimento como realidade sem dúvida tão velha quanto a Humanidade.

Essa rejeição parcial da fome e da miséria como constitutivos fundamentais do subdesenvolvimento permite ao geógrafo evitar o anacronismo de transpor uma particularidade de um período determinado – o subdesenvolvimento – para a totalidade da história. No entanto, isto fará com que Yves Lacoste adote como sintomático outro critério não menos problemático: “o considerável crescimento demográfico” (LACOSTE, 1961 [1959], p.8). Esse critério do crescimento demográfico decorre, em maior ou menor dimensão, de uma dupla influência teórica: o economista Thomas Malthus (1766-1834), para quem “o poder de crescimento da população é indefinidamente maior do que o poder que tem a terra de produzir meios de subsistência” (MALTHUS, 1986, p.282) e o sociólogo Alfred Sauvy (1898-1990). É por isso que o geógrafo se preocupa tanto com a relação população-recursos (naturais, sociais), quanto com o problema populacional (SAUVY, 1957). Isso denota um aspecto importante do seu pensamento e que acompanhará toda sua análise sobre o subdesenvolvimento: o neomalthusianismo – a identificação do pensamento malthusiano “voltado à leitura do crescimento populacional nos países ditos subdesenvolvidos e seu reflexo mundial” (DAMIANI, 2014 [1992], p.20). É sob esse prisma que, julgamos, Yves Lacoste buscará precisar a noção de subdesenvolvimento e seus caracteres constitutivos. Assim, para melhor qualificar o subdesenvolvimento, o geógrafo enumera os seguintes caracteres: (1) Insuficiência alimentar; (2) Deficiência da agricultura; (3) Baixa renda nacional média e baixos níveis de vida; (4) Reduzida industrialização; (5) Fraco consumo de energia mecânica; (6) Situação de subordinação econômica; (7) Setor comercial hipertrofiado; (8) Estruturas sociais ultrapassadas; (9) Fraco desenvolvimento das classes médias; (10) Frágil integração nacional; (11) Importância do subemprego; (12) Deficiente nível da instrução; (13) intensa natalidade; (14) Estado sanitário imperfeito – em vias de melhorar; e (15) A tomada de consciência. Vejamos isso mais de perto.

3 | OS CARACTERES CONSTITUTIVOS DO SUBDESENVOLVIMENTO

O primeiro caractere constitutivo do subdesenvolvimento é a **Insuficiência alimentar**.

[A fome] é, de longe, o mais grave sintoma e o mais geral. Todavia, esse sintoma ultrapassa sensivelmente os limites históricos e espaciais do subdesenvolvimento: a fome foi particularmente grave entre as populações dos países hoje desenvolvidos e ainda atualmente atinge importantes categorias sociais em tais países. Inversamente, a quase totalidade dos países subdesenvolvidos sofre fome [...] (LACOSTE, 1961 [1959], p.10).

É importante ressaltar que para o geógrafo em tela subdesenvolvimento e fome **não** são termos idênticos, ou seja, não podem ser tomados um pelo outro. A insuficiência alimentar atravessa a história, mas a fome de que trata Lacoste tem a ver com a desigualdade social extremada nos países subdesenvolvidos.

Arelado à insuficiência alimentar tem-se a **deficiência da agricultura**:

A agricultura dos países subdesenvolvidos apresenta graves deficiências: o potencial agrícola é insuficientemente explorado; embora haja falta de terras, a agricultura dos países subdesenvolvidos não aproveita devidamente todas as superfícies cultiváveis [...] Essa limitação explica-se por diversas causas: insuficiência de meios técnicos que permitiriam vencer facilmente obstáculos naturais; necessidade de prever grandes alqueives para reconstruir a fertilidade dos solos, muitas vezes pobres e frágeis nas regiões tropicais; falta de capitais necessários às inovações culturais que permitiriam sair da estreita localização em terras que nem sempre são as mais ricas, embora mais cômodas para cultivar em função de técnicas tradicionais; geralmente (sobretudo na América Latina e na África Austral), a terra inexplorada é própria mas permanece nas mãos de poderosas famílias que impedem a instalação de pequenos agricultores.

A maioria dos países subdesenvolvidos apresenta problemas agrários de origem relativamente antiga, a persistência de propriedades de tipo feudal, ou causas mais recentes tais como a formação de grandes domínios pela injunção de empréstimos usurários ou pelo rechaçamento dos antigos ocupantes (LACOSTE, 1961 [1959], p.12).

Conseqüentemente, as deficiências agrícolas contribuem para o subdesenvolvimento na medida em que o país subdesenvolvido não consegue suprir as demandas alimentares da população. Ademais, a monopolização da terra pelos grandes proprietários “feudais” desperdiça os recursos necessários ao aumento dos rendimentos, da produtividade agrícola e do poder aquisitivo dos consumidores – é um verdadeiro freio ao desenvolvimento. Portanto, a deficiência agrícola combinada com a concentração da propriedade da terra caracteriza o subdesenvolvimento. E aqui já temos uma das determinações do que é ser subdesenvolvido para o geógrafo: **os países subdesenvolvidos são países essencialmente agrícolas.**

O terceiro caractere constitutivo do subdesenvolvimento é a **baixa renda nacional média e baixos níveis de vida.** Nesse tópico, Yves Lacoste (1961 [1959], p.14) demarca – a partir de dados da ONU para os anos 1940 – que é “aproximadamente acima do limiar de 400 dólares que se encontram os países desenvolvidos”. Logo, “o conjunto dos países subdesenvolvidos se caracteriza por extremos muito desiguais na distribuição das rendas, desigualdade essa muito mais acentuada do que nos países subdesenvolvidos”. Lacoste constata mas não explica qual a razão fundante da desigualdade/pobreza. Em verdade, a desigualdade/pobreza é derivada da moderna sociedade civil-burguesa, que, para seu entendimento eficaz e objetivo, deve estar assentado no caráter antagônico da produção capitalista, na **lei geral da acumulação capitalista:**

Quanto maiores a riqueza social, o capital em função, a dimensão e energia de seu crescimento e, conseqüentemente, a magnitude absoluta do proletariado e da força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é ampliada pelas mesmas causas que aumentam a força expansiva do capital. A magnitude relativa do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza, mas, quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo, tanto maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplício de seu trabalho. E, ainda, quanto maiores essa camada de lázaros da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior, usando-se a terminologia oficial, o pauperismo. *Esta é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista* (MARX, 2011, p.748).

O quarto caractere é a **reduzida industrialização**:

A reduzida industrialização constitui igualmente um dos aspectos mais constantes dos países subdesenvolvidos. [...]

A fraca industrialização no conjunto dos países subdesenvolvidos marca-se, ao contrário, nas percentagens das populações operárias em relação ao conjunto da mão-de-obra [...]. Um quinto da população do globo dispõe de mais de 90% da produção industrial. Com efeito, a produtividade industrial é relativamente fraca nos países subdesenvolvidos e estes possuem sobretudo indústrias leves (LACOSTE, 1961 [1959], p.16).

Já havíamos salientado anteriormente que para o geógrafo os países subdesenvolvidos são países essencialmente agrícolas, ou seja, que tem na agricultura a maior parcela da população empregada. Agora ele consubstancia esta informação pelo outro polo da asserção: os países subdesenvolvidos são pouco industrializados. Está posto portanto o fundamento do desenvolvimento: **ser desenvolvido é ser industrializado**.

Ligado à reduzida industrialização temos o **fraco consumo de energia mecânica**:

O quociente de consumo energético é um bom critério das possibilidades técnicas de um país e, em particular, de sua faculdade de superar obstáculos naturais. [...]

Os países subdesenvolvidos se caracterizam, ao contrário, por fraco consumo de energia [...]. Nos países subdesenvolvidos, o consumo energético se concentra nas cidades, nas instalações de minas (LACOSTE, 1961 [1959], p.16-17).

Aqui o geógrafo retoma o raciocínio dos recursos desperdiçados: o desperdício de recursos não se localiza apenas na agricultura, mas também na subutilização das jazidas energéticas (carvão, petróleo, hidroeletricidade) dos países subdesenvolvidos.

A **situação de subordinação econômica** é o sexto caractere. É uma das causas do subdesenvolvimento para Yves Lacoste. Dependência é como pode ser lida essa situação de desvantagem econômica: os países subdesenvolvidos são dependentes economicamente dos países desenvolvidos e “disso decorre que a implantação e o desenvolvimento de um setor de economia moderno, no quadro de cada país subdesenvolvido, não resulta de modo essencial de um processo histórico interno” (LACOSTE, 1961 [1959], p.17). É justamente essa situação que gera as formas de subordinação econômica e dominação sociopolítica, uma vez que a economia moderna (desenvolvida) é *introduzida* no país subdesenvolvido (atrasado). Como diz o geógrafo: “Essa dependência, em grande número de países subdesenvolvidos, tem sido de natureza política e tem levado a formas de subordinação econômica e social” (LACOSTE, 1961 [1959], p.18). Yves Lacoste apressa-se em não identificar subdesenvolvimento e fenômeno colonial (Turquia, Espanha e Japão jamais foram colônias). Não obstante, ainda que países subdesenvolvidos tenham conquistado a independência política, isso não significou a independência econômica:

Esta [dependência econômica] se evidencia pelo fato de grande número de instalações industriais, mineiras e explorações agrícolas ou comerciais, de

pessoas ou de sociedades estrangeiras, que organizam sua produção em função dos interesses do país desenvolvido, possuidor de capitais e repatriam importante parte dos lucros” (LACOSTE, 1961 [1959], p.18).

Tem-se assim que, para o geógrafo em tela, é via o comércio exterior que se processa a situação de subordinação econômica – dependência – uma vez que os países subdesenvolvidos tem sua economia orientada para exportação de “produtos brutos, minerais, agrícolas ou alimentícios destinados aos países desenvolvidos, e na importação de produtos manufaturados (bens de consumo e de equipamento) provenientes destes últimos” (LACOSTE, 1961 [1959], p 18). Estamos diante do velho comércio de “tipo colonial” que agrava a situação de dependência porque os países subdesenvolvidos se especializam em um determinado produto primário, ficando à mercê das flutuações dos preços no mercado mundial e dos períodos de recessão econômica. Estamos diante, portanto, do problema da deterioração dos termos de troca, explicada “pela relativa lentidão com que o desenvolvimento industrial do mundo vai absorvendo o excedente real ou potencial da população ativa dedicada às atividades primárias” (CEPAL, 2000 [1949], p.142). Por isso, o importante economista argentino Raul Prebisch escreveu que “na América Latina, a realidade vem destruindo o antigo esquema da divisão internacional do trabalho” (PREBISCH, 2000 [1949], p.71). E para sanar o problema da deterioração dos termos de intercâmbio era fundamental a industrialização, visto que “ela não constitui um fim em si, mas é o único meio de que” os novos países “dispõem para ir captando uma parte do fruto do progresso técnico e elevando progressivamente o padrão de vida das massas” (PREBISCH, 2000 [1949], p.72).

O setor comercial hipertrofiado é o sétimo caractere:

Uma característica dos países subdesenvolvidos é a frequente desproporção entre a porcentagem da população ativa empregada no comércio e atividades conexas e a parte que lhe é atribuída na renda nacional [...]

[...] os países subdesenvolvidos apresentam-se dotados de um setor comercial hipertrofiado, operando sobre as outras atividades econômicas verdadeira ação parasitária, particularmente grave em razão da sua fraca produtividade (LACOSTE, 1961 [1959], p. 20).

Assim sendo, a hipertrofia do terciário é prejudicial ao desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos porque gera um desequilíbrio em relação aos outros setores, notadamente agricultura e indústria.

As estruturas sociais ultrapassadas conformam o oitavo caractere:

Com exceção de uma fração mais ou menos importante da população, grande número de homens vive ainda no quadro de antiga economia de subsistência aldeã ou tribal. Entretanto, essa economia outrora fechada e equilibrada tende, quer queira quer não, a se abrir ao comércio e à circulação monetária. Relações sociais que se podem qualificar (à falta de melhor termo) de “semifeudais” existem ainda em vastas regiões subdesenvolvidas onde as relações estritamente econômicas entre a mão-de-obra e os empregadores cedem, muitas vezes, lugar às relações de subordinação pessoal (LACOSTE, 1961 [1959], p.20-21).

Está claro que para o geógrafo em tela as estruturas sociais ultrapassadas são as estruturas semifeudais, ou melhor, pré-capitalistas. Yves Lacoste destaca ainda a posição economicamente forte que as categorias sociais dirigentes ou privilegiadas detêm nos países subdesenvolvidos, pois são capazes de exercer poderes e acumular funções – a exemplo dos representantes políticos. O problema é que para Lacoste isso são analogias feudais e não o próprio *modus operandi* do capitalismo nos países subdesenvolvidos.

O **fraco desenvolvimento das classes médias** é o nono caractere: “os países subdesenvolvidos se distinguem pela fragilidade numérica e funcional dos diferentes graus da burguesia, apesar da dimensão do setor de economia moderna” (LACOSTE, 1961 [1959], p.22). O “fraco desenvolvimento das classes médias” também pode ser lido como “fraco desenvolvimento da burguesia” ou fraco desenvolvimento dos “empreendedores”:

A causa primeira do desenvolvimento econômico da Inglaterra reside na existência de um grupo de homens mentalmente produtivistas que se apossaram das invenções e criaram condições para que tais invenções pudesse produzir todo o seu efeito. Essa classe de “empreendedores”, no sentido de Schumpeter, essa burguesia existia igualmente em outros países da Europa Ocidental e, há vários séculos, já havia tentado realizar uma transformação da economia (LACOSTE, 1961 [1959], p.55).

Recorde-se que para o economista Joseph Schumpeter (1883-1950) o empreendedor é justamente aquele indivíduo que promove a inovação destruindo esquemas de produção antigos e criando novos (SCHUMPETER, 1985 [1911]). Nesse sentido, a existência de burgueses – na acepção de Lacoste, foi responsável por destruir as antigas estruturas feudais ancilosadas e criar as novas estruturas capitalistas, que teve como palco primeiro a Inglaterra.

Ademais, esta fraqueza das classes médias se deve, em parte, ao fato da economia nacional ser orientada externamente, via o comércio e indústria exteriores. Consequentemente registra-se nos países subdesenvolvidos “a insuficiência dos quadros técnicos e sociais indispensáveis a toda política de desenvolvimento” (LACOSTE, 1961 [1959], p.22). Não obstante, se a burguesia é frágil nos países subdesenvolvidos, o processo de desenvolvimento é capitaneado pelo Estado – a exemplo do que aconteceu na Rússia e Japão.

[...] o agente essencial do desenvolvimento [deve ser] o Estado e que as modalidades de sua ação devem ser planificadas” (LACOSTE, 1961 [1959], p.111).

O Estado é o único capaz de realizar a ação de conjunto necessária; de organizar não apenas complexos industriais integrados, como também esses pólos de desenvolvimento econômico que englobam o conjunto das atividades (LACOSTE, 1961 [1959], p.112).

Por que o Estado? Porque a organização das forças desenvolvimentistas abandonadas ao sabor do mercado geraria o que Ragnar Nurkse (1907-1959) chamou de “equilíbrio de subdesenvolvimento” ou **círculo vicioso da pobreza**:

[...] um hombre pobre puede no tener suficiente para comer; al estar desnutrido, su salud puede ser débil; al ser físicamente débil, su capacidad de trabajo es baja, lo que significa que es pobre, lo que a su vez significa que no tendrá suficiente para comer, y así sucesivamente. Uma situación de este tipo, refiriéndose a un país en su conjunto, puede resumirse en el siguiente lugar común: “um país es pobre porque es pobre” (NURKSE, 1955 [1953], p.13-14).

O foco, aqui, não é tanto a “explicação” de Ragnar Nurkse para a pobreza, mas sim como Yves Lacoste aceita – diríamos, hegelianamente – o Estado como representante do interesse coletivo:

Só o estado pode impor essa marcha dirigida, em função do interesse coletivo, repartir pela coletividade o custo da operação e ajustar o conjunto dos desequilíbrios particulares, no seio de um dinamismo complexo (LACOSTE, 1961 [1959], p.112).

O Estado deve representar os interesses não de uma minoria de proprietários, mas do conjunto da população. Deve poder apoiar-se em sua aquiescência ativa, deter um poder político real, estar decidido a transpor os obstáculos dos planos de desenvolvimento. Entre estes últimos, os mais graves não são as barreiras naturais, mas as oposições exercidas pelas categorias sociais até então privilegiadas, e as manifestações de demagogia que possam seduzir as massas. A vontade de desenvolver deve, então, estar animada por uma elite corajosa e decidida (LACOSTE, 1961 [1959], p.112-113).

Infelizmente, diríamos, o Estado nos países subdesenvolvidos – ou ainda nos desenvolvidos – jamais representou o interesse do conjunto da população. Pelo contrário: o Estado moderno só existe enquanto “comitê para administrar os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX; ENGELS, 2008 [1848], p.47) e/ou dos proprietários de terra – adicionemos.

A **frágil integração nacional** é o décimo caractere: “A economia dos países subdesenvolvidos é muitas vezes insuficientemente articulada e se compõe de setores econômicos pouco integrados uns nos outros” (LACOSTE, 1961 [1959], p.23). Esta integração nacional fragilizada é decorrente da introdução externa da economia moderna no país desenvolvido. Trata-se de um traço dualista da interpretação do geógrafo uma vez que ele vai distinguir as regiões de economia moderna das regiões tradicionais dentro de um mesmo país subdesenvolvido – ainda que, reitera Lacoste (1961 [1959], p.71), a oposição “não exclui as interações”. Não obstante, esta frágil integração nacional reverbera na “ausência de um verdadeiro mercado nacional” (LACOSTE, 1961 [1959], p.22). O mercado nacional, na visão de Yves Lacoste, está separado pela dualidade moderno-tradicional onde ambos se conectam para fora, ou seja, tanto as regiões modernas quanto as tradicionais “só vivem em função do mercado internacional” (LACOSTE, 1961 [1959], p.23).

A **importância do subemprego** é o décimo-primeiro caractere. Diz respeito à existência nos países subdesenvolvidos de “multidões de homens desocupados ou improdutivos” (LACOSTE, 1961 [1959], p. 23). O subemprego decorre (1) da limitação de mão-de-obra da economia moderna; (2) importação de produtos manufaturados estrangeiros; latifúndio; e (3) pela mecanização das áreas agrícolas. O subemprego conseqüentemente “reduz consideravelmente o mercado interno e compromete as

tentativas de desenvolvimento industrial ou agrícola, que não encontram mercados suficientes” (LACOSTE, 1961 [1959], p.24-25).

O **deficiente nível de instrução** é o décimo-segundo caractere. Refere-se ao “analfabetismo e incultura das massas” enquanto “traços característicos do subdesenvolvimento” (LACOSTE, 1961 [1959], p.25). Este fato se deve à insuficiência do equipamento escolar e o número diminuto de mestres. Ademais, combinado com a fraqueza das classes médias, resulta em um quadro insuficiente de técnicos indispensáveis ao desenvolvimento econômico. Nesse tópico o geógrafo aponta que a situação de instrução da mulher constitui um freio ao progresso social. Deriva que uma mulher não-instruída tem como consequência demográfica uma **intensa natalidade**, o décimo-terceiro caractere na visão de Yves Lacoste. Não obstante, cabe ressaltar que essa intensa natalidade não provém apenas da situação da mulher nos países subdesenvolvidos (precocidade do casamento, situação social inferior) mas também da redução do emprego e da diminuição da mortalidade – causada pela melhoria das condições sanitárias e pelos progressos da Medicina.

O **Estado sanitário imperfeito – em vias de melhorar** é o penúltimo caractere. Ainda que o geógrafo reconheça que os progressos médicos geraram uma queda da taxa de mortalidade – contribuindo assim para a amplitude populacional – as doenças nos países subdesenvolvidos entravam fortemente o desenvolvimento econômico e social reduzindo a produtividade dos indivíduos. O combate à essas doenças perpassa as condições de habitação até a subalimentação dos trabalhadores.

Finalmente, **a tomada de consciência** é o último caractere do subdesenvolvimento na visão de Yves Lacoste. Ela concerne ao processo de conscientização que as populações dos países subdesenvolvidos tomaram de sua situação.

Essa tomada de consciência resulta evidentemente das consequências da guerra, da difusão das notícias, da imprensa e de suas ilustrações publicitárias, do cinema, do rádio, do deslocamento dos homens [...].

Essa tomada de consciência resulta também de causas mais profundas, da evolução interna dos países subdesenvolvidos. Sob a influência da vida “moderna”, as estruturas sociais tradicionais e as formas de pensamento que a elas se ligam, tendem a se desagregar (LACOSTE, 1961 [1959], p.28-29).

Desta maneira, com a enumeração e análise destes caracteres, o geógrafo quer salientar a complexidade de causas do subdesenvolvimento, a saber. Para ele o subdesenvolvimento é um fenômeno recente que se caracteriza por “conjuntos de desequilíbrios fundamentais”, sendo que “o mais espetacular dentre esses desequilíbrios é a grave distorção entre uma economia estagnada ou de fraco crescimento e o rápido aumento da população” (LACOSTE, 1961 [1959], p.29).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os países subdesenvolvidos são os espaços em que o drama do desenvolvimento

econômico foi posto na ordem do dia desde o fim da Segunda Grande Guerra (1939-1945) até hoje. A reconstrução da Europa Ocidental, a ascensão e legitimação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) enquanto importante agente geopolítico global, bem como os processos de descolonização em África e Ásia, conformam o referido contexto.

Nesse cenário, é o desajuste entre crescimento econômico e demográfico que o geógrafo considera sintomático dos países subdesenvolvidos – ainda que existam uma série de desequilíbrios fundamentais constitutivos desse fenômeno recente que é o subdesenvolvimento. A enumeração dos caracteres do subdesenvolvimento, somado às influências teóricas (Malthus, Sauvy, Nurkse) e históricas (Rússia, Japão, China) conformam na análise do geógrafo a estratégia da *industrialização* como caminho do desenvolvimento.

Não obstante, ainda que Lacoste seja um crítico do colonialismo, a reprodução científica (geográfica) da realidade por ele estudada termina por *conservar* o desenvolvimento *capitalista* como resposta aos problemas dos países subdesenvolvidos.

REFERÊNCIAS

CEPAL. Estudo econômico da América Latina [1949]. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Record: 2000, p.137-178.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. 10ªed. 2ªreimp. São Paulo: contexto, 2014 [1992].

LACOSTE, Yves. **Os países subdesenvolvidos**. Tradução de Diva Benevides Pinho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961 [1959].

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio Sobre a População**. Tradução de Antonio Alves Cury. 2ªed. São Paulo: Nova Cultural, 1986 [1798].

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política, livro primeiro: o processo de produção do capital, volume II; Tradução de Reginaldo Sant'anna. 25ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011 [1867].

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Pietro Nasseti. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Martin Claret, 2008 [1848].

NURKSE, Ragnar. **Problemas de formación de capital en los países insuficientemente desarrollados**. Tradução de Martha Chávez. México: Fondo de Cultura Económica, 1955 [1953].

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais [1949]. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Record: 2000, p.69-136.

SAUVY, Alfred. **Teoria General de la Poblacion**. Trad. Anselmo CALLEJA e Fernando Bajón PÉREZ. Madrid: Aguilar, 1957.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Tradução de Maria Silvia Possa. 2ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985 [1911].

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2

